



FARJALLAT, Célia Siqueira. Almanques. Correio Popular, Campinas, 20 jul. 2000.



BATE-PAPO

CÉLIA FARJALLAT

Almanques

Radiografias nítidas da cidade e das épocas, os almanques estiveram no pique da moda em outros tempos, e hoje servem de referência para os estudiosos. O Almanaque de Campinas, de 1912, escrito por Benedito Octavio e Vicente Mellilo, informa sobre a cidade em geral, o comércio e a indústria, as escolas e as igrejas, e até transcreve, efemérides e anúncios. Enfim, uma preciosidade ainda enriquecida de fotos de impressionante nitidez.

A ortografia é antiga, evidentemente. E como não quero afugentar os possíveis leitores, não vou grafar aqui *pharmácia*, *commercio*, *physica*, e outros termos, com sabor de velharias. Mas, quantas notícias minuciosas sobre eventos daquelas épocas, revelados com uma virtude, que hoje rareia: veracidade. Confrontando-se os dados dos almanques com os de outras publicações de autores, também dignos de crédito, conclui-se que houve respeito ao público, seriedade, e até senso de humor.

Os autores, respeitáveis e cultos, registraram o que realmente havia. Assim, graças a eles, temos informações certinhas sobre os sítios e as fazendas, os nomes e endereços das casas comerciais, como alfaiatarias, ourivesarias, fábricas de carroças e de aranhas, de tálburis e carruagens.

Há, nesses Almanques de Campinas, informações sobre confrarias, irmandades, como o Apostolado da Oração, a Irmandade de São Miguel e das Almas, a Corte de São José, entre outras.

Impressionante mesmo é o noticiário sobre a instrução, a relação de todas as escolas públicas e particulares; os nomes dos diretores e do pessoal docente e administrativo, e os programas nas Escolas Normais Primárias. Os mestres da época, e mesmo os mais antigos, têm ali seus nomes, como Custódio José Ignacio Rodrigues, vulgo Custódio Manco; Maria Bibiana do Carmo, mais conhecida como Nhazinha, cuja escola pequena e pobre ficava na Rua General Carneiro, entre Benjamim Constant e Barreto Leme.

Os anúncios seduzem. Lembro-me ainda de algumas casas comerciais bem antigas, como Casa Mascote, Casa Barroso, Casa Mondego, A Barateira, Farmácia Salles (que pertenceu ao boticário Antônio de Paula Souza), estabelecido na Praça José Bonifácio.

Hoje, não vejo anúncios de selarias, lenhadoras, armazéns de secos e molhados, e cocheiras de animais de aluguel, cavalos e burros. Não que estes quadrúpedes não existam hoje. Existem, sim. Em quantidade.

Célia Siqueira Farjallat, cronista do Correio, escreve nesta página às segundas, quartas, quintas e sextas